

Editorial

Mais um semestre se inicia e com ele revigora-se a vontade de execução de muitas atividades. O Grupo PET Geografia da UDESC é reconhecido por seus projetos de sucesso, fato este que fomos premiados com a melhor apresentação oral no tema ciências sociais aplicadas no Encontro Nacional dos Grupos PET – ENAPET, realizado entre os dias 22 e 27 de julho na capital do Maranhão, São Luís. Também fomos classificados como Apresentação Oral da FAED para o Seminário de Extensão Universitária da Região Sul – SEURS, a ser realizado em setembro na cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul.

Estas boas notícias nos dão o gás necessário para voltar com força as atividades no segundo semestre. Começando com a abertura do edital de convocação para novos bolsistas, já que a colega Maria Carolina está concluindo sua trajetória no PET. Os projetos de Educação Ambiental na Aldeia Indígena M'Biguaçu e na Escola Leonor de Barros estão sendo desenvolvidos e prestes a serem aplicados. Assim como o planejamento da Aula Inaugural de Geografia com as professoras Amanda Pires e Daniela Onça, em setembro.

E entre os dias 21 e 23 de agosto ofereceremos o Minicurso sobre o Timor-Leste com o Professor Maurício Aurélio dos Santos, que viajou para este país do Sudeste Asiático e ministrará sobre sua história, aspectos físicos e ambientais.

Com este ânimo de muitos projetos a serem realizados, desejamos um feliz retorno a todos os alunos e professores na certeza que faremos um brilhante semestre!

Grupo PET-Geografia FAED/UDESC

Nessa edição:	Página
Timor-Leste: mitos, crenças e costumes	02
Relatos em participação de eventos	17
PET – Indica	20
Divulgando	21
Eventos	24

PetGeo FAED/UDESC

Expediente:

Bolsistas: Ana Paula Esnidei Pereira, Carolina Datria Schulze, Jéssica Gerente, João Daniel Barbosa Martins, Laura Dias Prestes, Leonardo Lenzi Barbosa, Marcela Gonçalves Werutsky, Maria Carolina Soares, Michelle Martins de Oliveira, Raphael Meira Knabben, Rudney da Silva e Samuel Bastos Bracagioli.

Tutora: Vera Lucia Nehls Dias.

Edição: Rudney da Silva

Revisão: Grupo PET-Geografia FAED/UDESC

Impresso pelo Grupo PET-Geografia FAED/UDESC, em tamanho A4, fontes Arial e Times New Roman

Sugestões, reclamações, convites, opiniões: petgeo.udesc@gmail.com

Timor-Leste: mitos, crenças e costumes

Manoela Magnani Fogliatto¹

1. Cultura

Na antropologia, cultura é um conjunto das tradições sociais, é uma herança cultural. Ela independe da raça dos indivíduos que constituem um grupo social, pois se um ser étnico distinto cresce e se desenvolve em uma sociedade, tem exatamente a mesma cultura do grupo.

Segundo Claval, (1999, pg. 33) a cultura é a soma dos comportamentos, saberes, técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. Os membros da civilização têm seus hábitos similares, têm, em comum, técnicas de produção e de regulação social, aderem os mesmos valores justificados por uma filosofia, ideologia ou religião.

2. Mito do Surgimento de Timor-Leste

A ilha timorense tem forma elipsoidal com a costa norte banhada pelo mar de Savu e Estreitos de Ombai e de Weter conhecidos como Mar de Banda, e a costa sul banhada pelo Mar de Timor (Figura 01). Seus moradores tem um mito que conta como a ilha foi formada, o mito do Lafaek.

Segundo Elenice, a ilha nasce de um crocodilo chamado Lafaek (do *tétum* avô). Esse crocodilo era especial, sonhador, que queria se tornar alguém, vivia num pântano sem abundancia de alimentos impossível de crescer. Vivendo nessas condições precárias, um dia quase morrendo de fome resolveu procurar comida, porém ficou parado na areia até que apareceu um menino que resolveu ajuda-lo levando-o até o charco, em troca o crocodilo prometeu-lhe levar para o mar.

¹ Acadêmica da 7ª fase do Curso de Geografia da FAED/UDESC.

Com o passar dos anos, o menino voltou a se encontrar com o crocodilo e então o crocodilo realizou o sonho do menino, passaram dias e noites vendo ilhas de todos os tamanhos, árvores, nuvens até o crocodilo cansar. Quando se cansou, o crocodilo avisou o menino que não podia mais, mas o menino não aceitou e antes que pudesse dizer alguma coisa, o crocodilo aumentou de tamanho sem perder sua forma, até se transformar na Ilha do Timor.



Figura 01 – Mapa do Timor Leste

3. Religião Timorense

As línguas timorenses não têm articulação verbal, como passado e futuro, o que torna difícil a comunicação escrita. Eles não possuem o hábito de dar nomes às coisas e aos animais, todavia adotam outros nomes para si mesmos, como forma de facilitar a convivência com estrangeiros.

A religião é uma mistura de catolicismo e animismo², acreditam que deus pode castigar sobre qualquer coisa que é feita pelos humanos. Para eles, existe um representante do sagrado que está habilitado para dirigir rituais e cumpre a missão de guardião das coisas sagradas, e seus ensinamentos são passados de geração para geração.

² O animismo acredita na reencarnação, porém para eles, as almas podem reencarnar em qualquer ser vivo, seja humano, animal ou planta; isso dependerá de quão bom era na vida anterior.

De acordo com Menezes, esses agentes sagrados são divididos em três categorias; os Datos Lulik que são os guardiões das uma lulik, (Foto 01) – casa sagrada onde ficam reunidos os objetos sagrados diversos – os Matandóok adivinhos e curandeiros e, os Buan, Buank ou Suank que são os bruxos e feiticeiros maus.

O animismo acredita na reencarnação, porém para eles, as almas podem reencarnar em qualquer ser vivo, seja humano, animal ou planta; isso dependerá de quão bom era na vida anterior. A experiência da alma, feita através do sonho, estava na origem da crença religiosa. Tendo assim, uma crença em seres personalizados, mas incorpóreos, como almas, espíritos e deuses.



Foto 01 – Lulik. Fonte: Maurício dos Santos

Ainda, de acordo com o livro de Menezes, no Timor, acredita-se numa força vital que pode transformar-se em poder oculto, o qual é necessário dominar, cativar. Este poder pode assumir uma forma benéfica protetora, ou uma forma maléfica destruidora. A primeira é considerada sagrada, ou nas palavras deles, lulik, é uma “magia-branca” usada para proteger e defender. A segunda forma está relacionada com a “magia-negra”, chamada de buank ou suank. Um lulik pode ser qualquer coisa – rocha, árvore, objetos – usada para efeitos de culto, que é considerada material, um espírito puro.

Os timorenses acreditam que a alma das pessoas está concentrada na cabeça e quando um guerreiro mata seu inimigo, ele decapita-o para que a alma

não encontre o corpo que está separando da cabeça, não tendo descanso e assim não possa se vingar (Figura 02).



Figura 02 – Cabeças decapitadas. Fonte: Pedro de Albuquerque

Acredita-se que o nome, os objetos e a sombra de um indivíduo estão relacionados por magia com sua alma, tendo alguns cuidados especiais com esses aspectos. Quanto ao nome, usam da tecnonímia, ou seja, designam-se por pai, ou mãe de fulano ao invés de dar seu próprio nome; mudaram de nome quando adoecerem ou quando suspeitarem que alguém fazer-lhe o mal. Quanto aos objetos, há muito cuidado para que não se faça envenenamento ou “embruxamento” através deles. Quanto à sombra, tem-se cuidado em andar e evita-se quando é hora do meio-dia, já que a sombra desaparece quase que completamente, os timorenses receiam que sua alma também seja diminuída, sendo mais fácil a captura da mesma pelos bruxos.

Outra curiosidade é sobre os fenômenos geográficos que ocorrem, por exemplo, sobre os terremotos no país, quando acontecem as pessoas saem nas ruas batendo panelas e nos postes de metais, pois acreditam que Deus carrega o mundo nos braços e quando Ele cochila, ocorrem os terremotos; as batidas são para acordá-Lo e não deixar o mundo cair, porque seria o fim do mundo.

4. Guerras

As guerras aconteciam sob pretextos e motivações diversas, sempre precedidas, acompanhadas e seguidas de práticas divinatórias e de ritos. As cerimônias variavam de região para região. Uma vez consagrado, o guerreiro era recebido com batuques e festas, e o chefe dava-lhe um prêmio.

Diz-se que no passado, havia costume durante os descansos das lutas, para refeições, um arraial com água e comida, e se o mesmo carecia destes, era pedido ao arraial inimigo o qual nobremente satisfazia. Eram nesses arraiais que se faziam os enterros dos mortos. Os falecidos em combate enterravam-se com os pés para o lado do inimigo, para que suas almas pudessem receber pontapés.

5. Cultura do Timor-Leste

Búfalos e cabras são criados soltos, famílias com criações de búfalos demonstram riqueza (Foto 02); porcos são de grande importância e também criados livres, além de garantirem seguridade social. Os timorenses tem maior apreço por galos, como nós temos por cachorros, são criados para o lazer, as chamadas rinhas de galo aqui, e lá lutas de galo (Foto 03) são proibidas para mulheres; além de representar masculinidade. Quanto ao búfalo, este desempenha um papel importante na vida social, econômica e animológica dos timorenses. Estes dizem que o animal chegou à ilha a nado.



Foto 02 – Búfalos criados soltos. Fonte: Maurício dos Santos



Foto 03 – Briga de galo. Fonte: Maurício dos Santos

As canoas, para a pesca, são muito estreitas e feitas de somente um tronco (Foto 04). Nos restaurantes, há escolha dos peixes se dá enquanto estes estão vivos, após eles são limpos e preparados na hora, não há geladeiras em quase todo o Timor, as bebidas são servidas quentes, por questão de cultura, pois mesmo nos lugares que há geladeira, elas são servidas quentes.



Foto 04 – Canoas. Fonte: Maurício dos Santos

A comida é com base em arroz e milho; uma comida típica é arroz feito na água de coca, chamado de katupa, o arroz é cozido em saquinhos feitos de folhas verdes de palmeiras e tem configuração de galinha, ou peixe, ou lança

entre outros (Foto 05). Quanto ao sal, este não é considerado tempero, desempenha papel importante e histórico. Um mito timorense, escrito no livro Encontro de Culturas em Timor-Leste, fundamenta a origem da lua relacionada ao descasque manual do arroz. Uma velha inventou um pilão e, ao levantar o maço, bateu com este no céu fazendo um rasgão, dando origem a lua. Como castigo Deus determinou que os homens não se saciassem apenas com um grão de arroz, necessitando milhares deles, sendo indispensável o uso do pilão.



Foto 05 – Arroz. Fonte: Maurício dos Santos

Ainda associada à alimentação, a noz de arequeira (areca) é mastigada com cal e folha de bétel usada muito na medicina tradicional e na vida anímica. As mulheres mascam essa substância que mancha a boca parecendo batom, por ser de consistência resistente, quando muito utilizada quebra e apodrece os dentes. De acordo com Chico Moser:

O ritual possui também razões sociais e culturais. Mascar a noz de bétel é como definir a pertença ao mundo adulto da maturidade. A noz de bétel representa a força generativa da mulher, o fruto da arequeira a força vital do homem, o cal, a semente da reprodução.

6. A mulher timorense

As mulheres timorenses desempenham atividades de caráter masculino, enquanto os homens tem papel fundamental na segurança e cuidado com os filhos. Em alguns povos, era costume nos ritos que antecediam as guerras, que as mulheres dançassem desafiando os homens a mostrarem-se bravos e viris e não seres afeminados. Tratando-se do casamento e organização política, as mulheres estão longe de serem membros diminuídos da sociedade.

É a mulher que trabalha na agricultura, porque se associa o conceito de fertilidade da mulher com a terra, acreditando que a própria terra só produziria quando a mulher semeá-la. A mulher constitui fonte de prestígio e exteriorização de riqueza, é comum no Timor a poligamia, porém com a existência de diversas casas, uma para cada mulher, e o marido vivendo na casa da sua primeira esposa.

7. Vestuário

De acordo com Menezes, desde a colheita do algodão, até a tecelagem são consideradas atividades domésticas femininas. Antes da introdução do algodão egípcio ou americano, era usado algodão indígena, seu tingimento era feito com cascas de plantas, folhas de algumas árvores. Os panos feitos para homens são chamados de *tais mane* e os panos femininos de *tais fetu*. O vestuário ostenta figuras antropomórficas, zoomórficas, fitomórficas (Foto 06 e 07).

Segundo a tradição, dificilmente as mulheres dispunham de peça especial para o tronco, era coberto pelo *tais*, ou não coberto. Usavam-se faixas na cintura para segurar a peça principal, eram providas de franjas e em homens geralmente da cor branca.



Foto 06 – Vestuário Feminino.
Fonte: Mauricio dos Santos



Foto 07 – Vestuário Masculino.
Fonte: Mauricio dos Santos

8. O Casamento

Os casamentos começam quando o homem escolhe uma mulher e o pai da mesma concorda com o matrimônio. Após a aceitação, o futuro marido “enfia” sassik – um tipo de lança – na casa do sogro, essa lança representa uma garantia de território, um processo de negociação de casamento (Foto 08).



Foto 08 – Sassik. Fonte: Maurício dos Santos

O processo continua com o pagamento do Barlak, um valor determinado pelo sogro sobre a filha. Enquanto o Barlak não é pago totalmente, os filhos gerados serão todos da família do sogro. Outra regra é que o sogro não pode cobrar o barlak das filhas, mais do que pagou pela sua mulher, vindo por esse lado, o Barlak pago pela filha, pode ser considerado uma reposição do pagamento da mãe. Este Barlak funciona também como seguridade social.

Os casamentos com portugueses podem acontecer da seguinte forma: o português casado ou não no país de origem pode casar com uma mulher timorense, podendo voltar para o país de origem sem leva-la, e nesse caso, a mulher será vista como conselheira da população, uma vez que casar com português representa que a mulher tem um “quê a mais” que as outras

mulheres, porém está mulher, caso o marido português não volte, não poderá casar-se novamente. Casamento de mulher estrangeira com homem timorense teve o caso do Xanana Gusmão que casou com uma australiana e também era casado com uma mulher timorense.

9. Família Timorense

Os filhos são de toda a família, exemplo, um avô tem três filhos e esses três filhos tem dois filhos cada um, esses seis filhos mais novos são filhos dos pais, dos tios e do avô. É por isso que não há desigualdade entre as gerações familiares e também por isso que há tanta pobreza.

Quando a mulher morre, há um pagamento dos filhos ou do genro para o viúvo, uma vez que é a mulher quem trabalha e arrecada o dinheiro para o sustento da família, um dos motivos para que a poligamia seja vista com bons olhos entre alguns grupos étnicos.

Não há troca de afeto entre homem e mulher em público, e mostras de violência para com a mulher é normal, homens batendo nas mulheres é natural. Como isso é tão natural, a ONU iniciou alguns movimentos e propaganda contra violência doméstica.

Eles não têm o hábito de tomar banho de mar, usam-no como se fosse um parque, e como meio de subsistência, um exemplo são as pedras extraídas pelas mulheres em frente ao mar (Foto 09), e que servem para decorar as casas, são pedras grandes escolhidas pelas idosas. Enquanto que as pedras menores servem para a construção, como no Brasil se usa para fazer o cimento.



Foto 09 – Sacos de Pedras extraídas pelas Mulheres. Fonte: Maurício dos Santos

10. Moradias

As casas são de dois tipos, o primeiro constituído por casas circulares com cobertura cônica descendo até quase o chão, encontram-se em regiões montanhosas, frias e batidas pelo vento. O segundo tipo está representado nas planícies do Sul e Leste, são habitações retangulares ou quadrangulares, com telhado de quatro águas ou três (Foto 10).

As paredes são feitas de diversos materiais, bambu, palapeira, fafulo (cana), tábuas. Um símbolo político nas casas são os chifres gigantes de búfalos nos remates das casas, simboliza poder e são consideradas pertences do grupo Batak (Foto 11). As casas possuem, tradicionalmente, uma porta tão baixa que é necessário entrar de cócoras, e sem janelas.



Foto 10 – Moradia retangular. Fonte: Maurício dos Santos.



Foto 11 – Chifre de búfalo. Fonte: Maurício dos Santos.

Supõe-se que as casas de caráter permanente eram assentadas por pilares, por dois motivos: primeiro, é tradição religiosa, casas luliks e habitações circulares estavam sujeitas a ritos de consagração mais solenes; o segundo motivo, obedecem às normas que traduzem preocupações quanto à economia do espaço habitacional, à defesa contra inimigos e animais daninhos e ao respeito religioso. O corpo do telhado envolve o mundo dos espíritos, a residência propriamente dita ao mundo dos vivos e a parte de baixo dos espíritos da natureza.

11. Comércio Timorense

A maioria dos pontos de gasolina é de modelo indonésio – ambulantes – em carroças ou barraquinhas (Foto 12 e 13). Não há shoppings no Timor Leste, os timorenses vendem roupas em barraquinhas de lona, sem paredes aos redores das ruas (Foto 14). A prova de roupas é feita colocando a desejada por

cima das que se estão vestindo. Essas barraquinhas são vistas aqui no Brasil como aquelas fruteiras nas beiradas das estradas.



Foto 12 – Posto de Gasolina.
Fonte: Maurício dos Santos



Foto 13 – Venda de Gasolina
Fonte: Maurício dos Santos



Foto 14 – Venda de Roupas.
Fonte: Maurício dos Santos

A corrida de taxi é um dólar, independentemente da distancia por motivos econômicos do país. Quando em feriados e finais de semana, é normal os taxistas trabalharem com suas mulheres junto, é uma forma de levá-las para passear. O transporte público é feito com um tipo de van, não se usa ônibus, as pessoas pagam um dólar, ou dois quando estiver um pouco acima do peso. As

peças que utilizam esse transporte ficam “penduradas” pelo lado de fora do carro, o lado mais utilizado, já que dentro do carro é muito quente (Foto 15).



Foto 15 – Transporte Público. Fonte: Maurício dos Santos.

Conclusão

Timor Leste conseguiu sua independência há pouco tempo, cerca de dez anos, ele é muito diferenciado dos outros países, primeiro porque não foi caracterizado como colônia de Portugal – seus descobridores – e sim como província, segundo porque com muitas etnias, dificulta a organização sócio-espacial.

Cultura é a caracterização de um povo, por isso não existe fundamento em questioná-la, não dá para questionar se estão certo ou errado as atividades e crenças de um povo, nesse caso, uma das coisas que pode mudar, sem alterar a identidade cultural do povo, é a violência contra a mulher na qual a ONU já está trabalhando para diminuir.

Timor terá muitas dificuldades para se desenvolver social e economicamente sozinho pelo seu histórico, primeiro pelo descaso de Portugal, segundo pelas invasões da Indonésia apoiadas por outros países. Segundo porque é um país pequeno, de poucos habitantes, e pobre. É um país inocente e ingênuo que precisará ser unificado dentre suas etnias e de ajuda externas para se desenvolver.

Referencias

ALBUQUERQUE, Pedro de. **Em Nome de Deus: O Clemente, o Misericordioso**. Disponível em: <<http://pedrodealbuquerque.wordpress.com>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

Animismo. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Animismo>>. Acesso em: 30 maio. 2012.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis, SC: UFSC, 1999.

ELENICE. **O Crocodilo que se fez Timor**. Disponível em: <<http://www.timorcrocodilovoador.com.br/>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

MENEZES, Francisco Xavier de. **Encontro de Culturas em Timor-Leste**. Díli: Crocodilo Azul, 2006.

MOSER, Pe. Chico. Ao Leste, **Rostos e Semblantes**. Disponível em: <<http://www.timorcrocodilovoador.com.br/>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

Timor Leste. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Animismo>>. Acesso em: 30 maio. 2012.

Relatos em participação de eventos

Relato ENAPET 2012

por Michelle Martins de Oliveira

Entre os dias 20 e 30 de junho oito bolsistas do nosso PET arrumaram suas malas com roupas de verão e decolaram a São Luís do Maranhão, onde enfrentaram 30 graus em média. O Encontro Nacional dos grupos PET concomitantemente a SBPC ocorreu entre os dias 22 e 27 na UFMA (Universidade Federal do Maranhão). Apesar dos ânimos exaltados devido ao calor pouco agradável conseguimos atender e adequar todos os encaminhamentos. Nessa edição do ENAPET uma minuta que pretende alterar a portaria 976 que regulamenta os PET unindo o intitulado PET-Tradicional (PET temáticos e PET divididos por cursos) ao PET-Conexões, o qual era um programa distinto voltado a extensão com mais verba pública e mais bolsistas de origem carente.

A união dos PET tornou-se inevitável, e Coordenador Geral de Relações Estudantis - CGRE/SESu/MEC, o qual representa o PET no MEC Lucas Ramalho afirmou (em off a Mesa de abertura) poder acatar alterações da portaria decididas no evento, porém, a decisão da rotatividade de tutores depois de 6 anos de tutoria não poderia ser alterada. Vê-se nitidamente uma estratégia política de desmantelamento do PET enquanto programa de preparo para o mercado de trabalho e para a “oxigenação” dos mestrados. Coloca-se a cargo dos grupos PET a função de melhorar a graduação.

Apesar da desorganização do evento, devido às reformas da UFMA não estarem prontas a tempo de sediar confortavelmente o encontro da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) concomitantemente ao ENAPET, alguns espaços que seriam dedicados ao ENAPET foram garantidos a SBPC. Devido ao fato local e a dificuldade em se ganhar notoriedade foi decidido na Assembleia final que o ENAPET seria desvinculado da SBPC, para ganharmos espaço próprio, porém uma tutora ovacionada por ser a única tutora representante das Letras e Artes a se disponibilizar a participar da Comissão de Avaliação (a qual é responsável por analisar o trabalho dos grupos PET de

mesma área baseando a análise nos relatórios anuais. Parte da Comissão é escolhida pelos grupos PET, e parte selecionada pelo MEC) eleita no evento, foi destacar a história do vínculo. Ela contou que quando o PET estava em crise, já extinto os tutores ficaram até três anos sem receber suas bolsas por comprarem a briga pela manutenção do PET, e para tanto pediram a SBPC vinculação para que o ENAPET ganhasse notoriedade, mesmo com essa reflexão história foi decidida a desvinculação porque o evento do PET está nos últimos anos sobrevivendo “a sombra” da SBPC.

Entre outras decisões pontuais interessantes para o nosso programa de educação tutorial uma delas foi à reeleição da CENAPET, grupo responsável voluntariamente por articular decisões dos encontros dos grupos PET regionais e levá-las ao âmbito nacional, foi questionado o caráter político dessa entidade, porém foram eleitos os mesmos por também falta de mobilização de outros representantes formarem Chapas e concorrerem. E não apenas nessa falta de luta pela representatividade foi notado o descompromisso e a resignação da possível extinção do PET. Um exemplo dessa falta de comprometimento com a política organizacional do PET foi à falta de conhecimento dos petianos sobre a portaria 976.

Pode-se citar o engajamento superficial de alguns que sem entender os passos do PET enquanto programa governamental, e enquanto instituição que busca uma espécie de autonomia democrática, acabaram falando coisas fora de ordem, sem relevância para a atual discussão política do programa que nos rege. O grande exemplo disso foi a fala de um bolsista, o qual depois das inscrições, e das eleições, de representantes por área para a comissão de avaliação pediu a inscrição de uma bolsista utilizando critérios infundados, acusado a assembleia de racista e ofendendo o curso de um dos bolsistas eleito.

Por fim, pode-se dizer que a ida ao Maranhão foi altamente produtiva. Além de importantes discussões políticas e acadêmicas, tivemos nosso trabalho premiado como melhor apresentação oral no eixo temático das ciências sociais aplicadas. Também em algumas horas de descanso podemos visitar o Centro Histórico de São Luís, e a EXPOT&C da SBPC, além de curtir passeios turísticos oferecidos pelo próprio ENAPET. Alguns dos bolsistas preferiram sair apenas pela noite, onde o calor não era tão agressivo, outros bolsistas ainda visitaram os Lençóis Maranhenses, ou seja, essa viagem foi bem aproveitada por todos, tanto politicamente, quanto geograficamente. O evento foi, mesmo difícil em termos estruturais, muito bom para o conhecimento e aprimoramento do

conhecimento social e político dos bolsistas. Conhecer uma outra realidade brasileira foi enriquecedora e com sentidos geográficos aprimorados devido aos conhecimentos teóricos podemos tecer análises espaciais bem articuladas, o que deixamos para uma próxima “conversa” elaborarmos melhor essas observações. ✓



Grupo PET Geografia FAED/UDESC em São Luís – MA

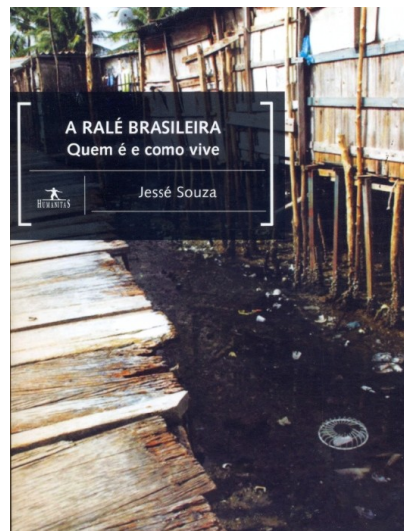
PET-Indica

(sugestão de filmes, livros, etc)

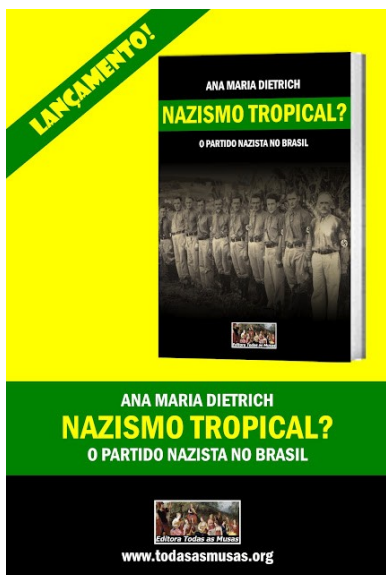
Livro – A Ralé Brasileira: Quem é e como vive de Jessé Souza

Fala-se em todos os jornais que a desigualdade brasileira está desaparecendo e que o nosso único problema é a corrupção da política. As duas teses não poderiam ser mais falsas e ao mesmo tempo não poderiam estar mais relacionadas. Elas formam o núcleo mesmo da “violência simbólica” – aquele tipo de violência que não “aparece” como violência – que torna possível a naturalização e a reprodução infinita de uma desigualdade social profunda como a brasileira.

Fonte: www.travessa.com.br



Livro – Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil de Ana Maria Dietrich



Ancorada em pesquisa nos arquivos alemães, em *Nazismo Tropical*, Ana Maria Dietrich escreve um capítulo inédito na historiografia brasileira ao analisar os dez anos da história do Partido Nazista no Brasil e suas controversas relações com o governo de Vargas e de Hitler. Chama a atenção o fato de o partido nazista no Brasil ter sido o maior grupo partidário fora da Alemanha com 2900 integrantes, funcionando em nada menos que 17 estados brasileiros de Norte a Sul do país. Ligado à matriz em Berlim, o partido fazia parte de uma rede do movimento nazista no exterior de 83 países.

Fonte: www.todasasmusas.org

Divulgação

Curso Timor-Leste: História e Cotidiano

Dias 21, 22 e 23 de agosto a partir das 13h30min

CONTEÚDO:

- Os aspectos físicos
- A dominação portuguesa no Timor-Leste
- A invasão japonesa no contexto da segunda-guerra
- Invasão e ocupação Indonésia / Resistência Timorese
- A questão do petróleo em Timor-Leste
- O papel da ONU na questão do Timor-Leste
- Economia
- Os desafios de se construir uma nação em pleno século XXI
- Mitos e Crenças, Usos e Costumes em Timor-Leste
- A mulher em Timor-Leste
- O papel da igreja em Timor-Leste
- A ordem social (estruturas sociais e relações de poder)

Prof. Dr. Maurício Aurélio dos Santos (org.)



O curso acontecerá na sala 48 da FAED
Maiores informações: 3321-8538



Divulgação

AULA INAUGURAL DO DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DIA: 14/08/2012, às 10h no auditório da FAED.

Tema:

"A produção de conhecimento no campo da política educacional no Brasil: constituição do campo e perspectivas atuais"

Convidado: Prof. Dr. Jefferson Mainardes - PPGE/UEPG e Coordenador do Fórum Sul de Coordenadores de PPGE.

Realização
 **PPGE**
Programa de Pós-Graduação em Educação / Marabá

Apoio

Fórum Sul de Coordenadores de PPGE

Divulgação

UM CONVITE ESPECIAL **Aula Aberta de Geografia**

com as Professoras:

Dra. Amanda Pires

"Potencial para Exploração de Minerais de ETR
no Granito Madeira, Pitinga-AM"

Dra. Daniela Onça

"A Ideologia do Aquecimento Global"

Data: **11 de setembro de 2012**

Horário: **16 horas**

Local: **Auditório da FAED**

Organização:
Pet Geografia

Apoio:
NEPP e MPPT

Eventos

Seminário Regional Gestão de Espaços Urbanos: Cidade, Meio Ambiente e Desenvolvimento

Data: 24 e 25 de agosto de 2012

Local: Florianópolis/SC

Informação: www.geurbe2012.blogspot.com.br

II Congresso Brasileiro de Ecologia da Paisagem e II Simpósio SCGIS-BR: Ecologia de Paisagens e Sustentabilidade: conectando a teoria à prática da conservação

Data: 10 a 12 de setembro de 2012

Local: Hotel Vila Galé Salvador – Salvador/BA

Informações: www.eventus.com.br/iale2012

XXI ENGA – Encontro Nacional de Geografia Agrária

Data: 15 a 19 de outubro de 2012

Local: Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia/MG

Informações: www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga

Semana Nacional de Oceanografia

Data: 21 a 27 de outubro de 2012

Cidade: Florianópolis/SC

Informações: sno2012.com.br

IX SINAGEO - Simpósio Nacional de Geomorfologia

Data: 21 a 24 de outubro de 2012

Local: Rio de Janeiro/RJ

Informações: www.sinageo.org.br

II Seminário Internacional sobre Microterritorialidades nas Cidades

Data: 12 a 14 de Novembro de 2012

Local: Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), Unesp

Cidade: Presidente Prudente, SP

Informações : www.fct.unesp.br/simposios/iisimc